

Revista de
CIÊNCIAS
da **EDUCAÇÃO**



Revista de CIÊNCIAS da EDUCAÇÃO

Publicação periódica apoiada pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo,
sob a coordenação do seu Programa de Mestrado em Educação

Ano XVI no 30 jan./jun. 2014

ISSN versão impressa 1518-7039 – CDU – 37

ISSN versão eletrônica 2317-6091



CAPES/QUALIS B3 em Educação, B2 na área Interdisciplinar e B1 em Ensino - Classificação de periódicos, anais, revistas e jornais (Brasília/DF, CAPES)

Fontes Indexadoras

Sumários de revistas brasileiras - www.sumarios.org

DOAJ - <http://www.doaj.org/>

Diadorim/IBICT - diadorim.ibict.br

Index Copernicus - www.indexcopernicus.com

Public Knowledge Project - pkp.sfu.ca

BASE - BIELEFELD - www.base-search.net

LivRe! - livre.cnen.gov.br

Google Acadêmico - scholar.google.com.br

Scirus/Elsevier - www.scirus.com

New Jour/Georgetown University - gulib.georgetown.edu

ULRICH'S - <http://www.ulrichsweb.com>

Edubase - <http://143.106.58.49/fae/>

Periodicos Capes - <http://www.periodicos.capes.gov.br/>

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) - <http://www.ibict.br/>

Catálogo elaborado por Lissandra Pinhatelli de Britto - CRB8 7539
Bibliotecária do UNISAL - Unidade de Ensino de Americana

Revista de Ciências da Educação. Centro Universitário Salesiano de São Paulo - UNISAL.
Programa de Mestrado em Educação. - Americana, SP, n. 30 (2014) -

Ano XVI no 30 jan./jun. 2014

Semestral

Resumo em português, inglês e espanhol.

ISSN 1518-7039

ISSN versão eletrônica 2317-6091

1. Educação - Periódicos. I. Centro Universitário Salesiano de São Paulo - UNISAL. Programa de Mestrado em Educação.

CDD - 370

Permuta/Exchange

Aceita-se Permuta

We ask for Exchange

Os interessados em fazer permutas com a Revista de Ciências da Educação devem procurar:

- Lissandra Pinhatelli de Britto – bibliotecária do campus Maria Auxiliadora do UNISAL, unidade de Americana – E-mail: biblioteca@am.unisal.br / Tel: (19) 3471-9756 – Ramal 9961

Revista de CIÊNCIAS da EDUCAÇÃO

Publicação periódica apoiada pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo,
sob a coordenação do seu Programa de Mestrado em Educação

Ano XVI no 30 jan./ jun. 2014

ISSN versão impressa 1518-7039 – CDU – 37

ISSN versão eletrônica ISSN 2317-6091

Chanceler: Prof. Dr. Pe. Edson Donizetti Castilho

Reitor: Prof. Dr. P. Ronaldo Zacarias

Pró-Reitora Acadêmica: Profa. Dra. Romane Fortes Santos Bernardo

Pró-Reitor Administrativo: Prof. Ms. Nilson Leis

Pró-Reitora de Extensão e Ação Comunitária: Profa. Ms. Regina Vazquez
Del Rio Jantke

Secretário-Geral: Valquíria Vieira de Souza

Liceu Coração de Jesus – Entidade Mantenedora

Presidente: Pe. José Adão Rodrigues da Silva

Conselho Editorial

Profa. Dra. Antônia Cristina Peluso de Azevedo – UNISAL/Lorena-SP – Brasil

Prof. Dr. Antonio Rial Sanchez – Universidad de Santiago de Compostela – Espanha

Prof. Dr. Ascísio dos Reis Pereira – PUCPR/Curitiba-PR – Brasil

Prof. Dr. Bruno Pucci – UNIMEP/Piracicaba-SP – Brasil

Prof. Dr. Edson Donizetti Castilho – UNISAL/São Paulo-SP – Brasil

Prof. Dr. Geraldo Caliman – UCB/Brasília-DF – Brasil

Prof. Dr. Guillermo Ariel Magi – Univesidad Salesiana – Argentina

Prof. Dr. Luís Antonio Groppo – UNIFAL/Alfenas-MG – Brasil

Prof. Dr. Luiz Bezerra Neto – UFSCar/São Carlos-SP – Brasil

Prof. Dr. Marcos Francisco Martins – UFSCar/Sorocaba-SP – Brasil

Profa. Dra. Maria Cristina Gomes Machado – UEM/Maringá-PR – Brasil

Profa. Dra. Maria Isabel Moura Nascimento – UEPG/Ponta Grossa-PR – Brasil

Profa. Dra. María Luisa García Rodríguez – Universidad de Salamanca – Espanha

Profa. Dra. Margarita Victoria Rodríguez – UFMS/Campo Grande-MS – Brasil

Prof. Dr. Paulo Romualdo Hernandez – UNIFAL/Alfenas-MG – Brasil

Profa. Dra. Rita Maria Lino Tarcia – UNIFESP/São Paulo-SP – Brasil

Prof. Dr. Roberto da Silva – USP/São Paulo-SP – Brasil

Profa. Dra. Sônia Maria Ferreira Koehler – UNISAL/Lorena – SP – Brasil

Profa. Dra. Sueli Maria Pessagno Caro – UNISAL/Americana – SP – Brasil

Editor Responsável: Profa. Dra. Maria Luísa Bissoto

Organizada por: Profa. Dra. Maria Luísa Bissoto

Revisor de inglês: Tadeu Giatti (tadeu.giatti@gmail.com)

Tradutora responsável pelos resúmenes: Lilian de Souza (lilianfascion@gmail.com)

Tradutora responsável pelas directrices para autores: Lilian de Souza

Tradutor responsável pelas guidelines for authors: Tadeu Giatti

Revisor de português: Paulo César Borgi Franco

Projeto gráfico de capa: Camila Martinelli Rocha

Diagramação: Solange Rigamont

Publicação: Editora Setembro (www.editorasetembro.com.br)

Linha Editorial: Revistas Científicas

Editorial

Marco Túlio Cícero dizia que “a história é mestra da vida”. Partindo, então, dessa sábia premissa, deveríamos sempre interrogar a história do passado para entendermos bem o presente e trabalhar rumo a um futuro melhor. Gostaria de aplicar essa “regra geral” também para um significativo momento particular: o da publicação do n. 30 da Revista de Ciências da Educação do Centro Universitário Salesiano de São Paulo. Pediram-me estas palavras de apresentação, até porque faço parte de um pedaço dessa história. Vamos, pois, aos dados.

Depois da criação da Faculdade Salesiana de Filosofia, Ciências e Letras de Lorena (SP), acontecida em 12 de março de 1952, o então diretor, Pe. Dr. Carlos Leôncio da Silva, organizou a primeira Revista intitulada Folhas Pedagógicas. Os dois primeiros números foram publicados em 1959 (julho e dezembro); e até 1971 foram publicados 20 números.

A Revista mudou de nome em 1973, sendo chamada Revista da Faculdade Salesiana, mas, como sinal de continuidade com a anterior, iniciou sua publicação com o n. 21. Abriu-se, porém, para receber contribuições não ligadas exclusivamente à Educação, como também às áreas dos outros cursos oferecidos na Faculdade Salesiana de Lorena, como filosofia, história, psicologia. A Revista da Faculdade Salesiana publicou, de 1973 até 1997, os números de 21 a 35.

A partir da criação do Centro Universitário Salesiano de São Paulo, acontecida em 24 de novembro de 1997, começou-se a repensar o nome e os critérios da Revista e optou-se para publicá-la especificamente na área de Educação. Dessa vez, aparecia uma articulação maior, pois o Centro Unisal se expressava nas quatro unidades, a saber: São Paulo, Americana e Campinas, além de Lorena. Assim, em 1999, apareceu o primeiro número da Revista de Ciências da Educação, que, já em 2000, tornou-se semestral e, a partir do n. 3/2000, também indexada, com o número do ISSN 1518-7039. Essa periodicidade foi mantida até os dias de hoje. Pessoalmente,

trabalhei como coordenador da Revista desde o número 1 até o número 12, este último correspondendo ao 1º semestre de 2005.

Para articular-se com o Programa de Mestrado em Educação do Centro Unisal, os artigos refletiam, desde o começo, as linhas de pesquisa dele, definidas no PDI da Instituição, a saber: a) Linha 1: Análise Histórica da Práxis Educativa nas Experiências Sociocomunitárias e Institucionais; b) Linha 2: A Intervenção Educativa Sociocomunitárias: Linguagem, Intersubjetividade e Práxis. Ambas estão ligadas à área de concentração do mesmo Programa, a saber: a Educação Sociocomunitária.

Em seguida, a coordenação da Revista passou para mãos mais competentes, sendo responsáveis professores do Programa de Mestrado em Educação, todos eles doutores da área, atuando na unidade de ensino de Americana. E a Revista, desde o começo, procurou um diálogo interinstitucional, publicando artigos de pesquisadores de outras IES, seja do Brasil como do exterior.

E agora se chegou ao n. 30, em um significativo momento histórico da grande família salesiana: a preparação para a celebração do bicentenário do nascimento de São João Bosco. Até com esta Revista continuamos uma história importante para toda a humanidade, que começou com ele. Aliás, gostaria de dizer que começou com... a mãe dele.

A Revista nos ajuda a “pensar melhor a educação”, particularmente na sociedade atual, caracterizada por mudanças rápidas e profundas, que afetam toda a nossa vida. E também a continuidade desta Revista é sinal de que acreditamos na educação; refletimos melhor no que ela é e como deve ser. Entre as mudanças da nossa época, penso naquela bem significativa da Internet, que acabou até por criar as revistas também na modalidade eletrônica, inclusive a nossa. E a história de Revista continua.

LINO RAMPAZZO

Doutor em Teologia pela Pontifícia

Università Lateranense (Roma),

Pós-Doutor em Democracia e Direitos Humanos

pela Universidade de Coimbra (Portugal),

Professor e Pesquisador no Programa de Mestrado em Direito
do Centro Unisal, unidade de ensino de Lorena (SP)

E-mail: lino.rampazzo@uol.com.br

Sumário

SEÇÃO INTERNACIONAL

INTERNATIONAL SECTION

SECCIÓN INTERNACIONAL

Reflexionando sobre los proyectos de desarrollo comunitario en tiempos de crisis	Refletindo sobre os projetos de desenvolvimento comunitário em tempos de crise <i>Reflecting on community development projects in times of crisis</i>	
INMACULADA GÓMEZ JARABO E MARTA GÓMEZ GÓMEZ.....		15
Pedagogía y medidas psicoeducativas para la integración social: estudio de un caso	Pedagogia e medidas psicoeducativas para a integração social: um estudo de caso <i>Pedagogy and psychoeducational measures for social integration: a case study</i>	
HELENA PROVENCIO DÍAZ E GEMMA DE LA TORRE BUJONES		27
“Crecer para ser”: caminhos de uma proposta de educação para a autonomia	“Growing to be(come)”: paths for an educational proposal for autonomy <i>“Crecer para ser”: caminos de una propuesta educativa para la autonomía</i>	
MARIA DA CONCEIÇÃO PINTO ANTUNES, SÓNIA LEANDRA TEIXEIRA FERNANDES RUSSO E SARA RITA FERREIRA DA CUNHA.....		47

SEÇÃO NACIONAL

NATIONAL SECTION

SECCIÓN NACIONAL

CAPS e ACAUVA, educação e/ou pedagogia social: a ação pedagógica voltada a adolescentes vulneráveis

CAPS e ACAUVA, education and/or social pedagogy: pedagogical action toward vulnerable teenagers

CAPS y ACAUVA, educación y / o pedagogía social: La acción pedagógica dirigida a los adolescentes vulnerables

MICHELLI DE ÁBREU E NÁJELA TAVARES UJIE

67

Jovens calouros x adultos veteranos: um olhar acerca das relações de conflito na educação de jovens e adultos

Young adult x freshmen veterans: a view about the relationship of conflict between youth and adults education

Adultos jóvenes x veteranos: un punto de vista sobre las relaciones de conflicto en la juventud y la educación de adultos

MARCELO NICOMEDES DOS REIS SILVA FILHO E DENISE MARIA SOARES LIMA.....

89

O fetichismo da mercadoria, a subjetividade e a educação: análise do filme “O Tesouro de Sierra Madre”

The fetishism of the merchandise, the subjectivity and education: analysis of the movie “The Treasure of the Sierra Madre”

El fetichismo de la mercancía, educación y subjetividad: la análisis de la película “El Tesoro de Sierra Madre”

LUCIENNE DORNELLES

105

Do conceito de Educação Sociocomunitária: concepções veiculadas na Revista de Ciências da Educação no período de 2008 a 2012

The concept of Socio-Communitarian Education: concepts conveyed in the Journal of Educational Sciences in the period 2008-2012

El concepto de Educación Socio-Comunitaria: conceptos vehiculados en la Revista de Ciencias de la Educación en el período 2008-2012

THAMIRIS FERNANDA ANGELO DE CARVALHO E MARIA LUISA BISSOTO

123

A literatura infantil adaptada na educação inclusiva: alternativas de inclusão para o aluno autista em uma perspectiva sociocomunitária

Children's literature adapted in inclusive education: alternatives for inclusion in the autistic student in socio-communitarian perspective

La literatura infantil adaptada a la educación inclusiva: alternativas para la inclusión del estudiante autista en la perspectiva socio-comunitaria

BIANCA SCALON PERES DE PAULA 143

Escola: promoção humana

School: human promotion

Escuela: promoción humana

PADRE ANTÔNIO DA SILVA FERREIRA IN MEMORIAM..... 157

SEÇÃO RELATO DE EXPERIÊNCIA

EXPERIENCE REPORT

RELATO DE EXPERIENCIA

Classe hospitalar e escola: mãos dadas na feitura da educação de enfermos

Hospital class and school hand in hand in making the education of the sick

Clase en el Hospital: de la manos unidas para ayudar en la educación de los enfermos

LEODI CONCEIÇÃO MEIRELES ORTIZ, MICHELE QUINHONES PEREIRA E MARTHA DOS ANJOS VALENÇA 201

RESENHA

REVIEW

RESEÑA

Educação Sociocomunitária: tecendo saberes

Socio-Communitarian education: weaving knowledge

La Educación Socio-Comunitaria: tejiendo saberes

DEISE BECKER KIRSCH..... 213

SEÇÃO EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS

A cumplicidade do feminino

The complicity of the female
La complicidad del femenino

RENATA SIEIRO FERNANDES.....	221
SOBRE A REVISTA	223
DIRETRIZES PARA AUTORES	225
<i>GUIDELINES FOR AUTHORS (SYNTHESIS)</i>	235
<i>DIRECTRICES PARA AUTORES (SÍNTESES)</i>	239
LISTA DE PERMUTAS	243



Seção Internacional



Reflexionando sobre los proyectos de desarrollo comunitario en tiempos de crisis

INMACULADA GÓMEZ JARABO¹

MARTA GÓMEZ GÓMEZ²

Resumen

En el presente estudio pretendemos reflexionar sobre la situación de los proyectos de Desarrollo Comunitario en España y sobre la participación de la población escolar, fundamentalmente universitaria, en los mismos. Para ello, nos basaremos en la Educación Popular de Freire y las metodologías de Investigación Acción Participativa y Aprendizaje Servicio como fundamentación teórica a los proyectos analizados y las propuestas realizadas. Haremos especial hincapié en este tipo de proyectos en tiempos de crisis, pues es cuando la población se siente más desamparada y necesita sentirse más integrada en su entorno y arropada por sus semejantes. Todo ello, resaltando la importancia que tiene en la formación del ser humano no sólo el aspecto académico o técnico, sino también la perspectiva emocional y de pertenencia a la sociedad en la que vive.

Palabras-clave: Proyectos de desarrollo comunitario. Educación popular. Participación ciudadana.

Resumo

No presente estudo pretendemos refletir sobre a situação dos projetos de Desenvolvimento Comunitário na Espanha e sobre a participação da população escolar, fundamentalmente universitária, nesses projetos. Para isso, nós nos basearemos na Educação Popular de Paulo Freire e nas metodologias de Investigação Ação Participativa e Aprendizagem em Serviço como fundamentação teórica dos projetos analisados e as propostas realizadas. Faremos especial ênfase nesse tipo de projeto em tempos de crise, pois é quando a população se sente mais desamparada e necessita sentir-se mais integrada em seu entorno e apoiada por seus semelhantes. Tudo isso ressaltando a importância que tem na formação do

ser humano não só o aspecto acadêmico ou técnico, mas também a perspectiva emocional e de pertencimento à sociedade em que se vive.

Palavras-chave: Projetos de desenvolvimento comunitário. Educação popular. Participação cidadã.

Abstract

In the present study we intend to reflect on the situation of the Community Development projects in Spain, and on the participation of mainly university in the same school population. To do this, We will base on Popular Education Freire and methodologies Participatory Action Research and Learning Service, theoretic basis of the analyzed projects and proposals made. We will make special emphasis on this type of project in times of crisis, it is when the population feels more helpless and need to feel more integrated in its surroundings, and supported by his fellows. All this, emphasizing the importance of the formation of the human being not only the academic or technical aspect, but also the emotional perspective and of belonging to the society in which we live.

Keywords: Community development projects. Popular education. Citizen participation.

Introducción y justificación

El objetivo de todo educador es el desarrollo integral de la persona. Entendemos éste como un trabajo en todas sus dimensiones (cognitiva, emocional, social, moral, etc.) y a lo largo de toda su vida. Es por ello por lo que no podemos entender la educación únicamente desde el ámbito formal, sino complementada con la educación recibida desde ámbitos informales y no formales.

Partiendo de esta idea de base, pretendemos reflexionar sobre la importancia que la participación y movilización social tiene tanto en el crecimiento del ser humano como en el de las comunidades en las que se desenvuelve. Es en esos momentos de encuentro donde la persona es consciente de sus necesidades, debilidades y fortalezas, y de las del entorno que le rodea, lo que le pone en disposición de implicarse activamente en proyectos que mejoren su calidad de vida y la de su comunidad.

Si bien es cierto que no es fácil implicar a los ciudadanos en este tipo de procesos, entendemos que los momentos de crisis económica y de valores que vivimos actualmente son escenarios que pueden impulsar actuaciones comprometidas. Es precisamente en estos momentos de necesi-

dad en los que los seres humanos tienden a agruparse, buscar necesidades comunes, y plantear actuaciones para la cobertura de sus problemas.

Dentro de este contexto, a continuación vamos a repasar en qué consiste y las características que tiene un Proyecto de desarrollo comunitario, las teorías pedagógicas en las que se sustenta, etc., lo que nos dará pie a revisar algunas experiencias prácticas desarrolladas en España.

Marco teórico

Para poder entender la envergadura de este tipo de Proyectos, es necesario partir de unas delimitaciones conceptuales de base. El primer concepto que necesitaremos comprender es el concepto de *comunidad*, concepto con múltiples acepciones en función del ámbito en el cual estemos trabajando. Dentro del ámbito social, una definición interesante es la que ofrece Zucconi citada por Marchioni (1999, p. 69): “[...] conjunto de personas que habitan el mismo territorio, con ciertos lazos y ciertos intereses en común”. De esta definición podemos resaltar algunas de las características comunes de una comunidad: un territorio o espacio geográfico común, interacciones constantes entre los miembros y un sentimiento de pertenencia al grupo.

Una vez clarificado qué entendemos por comunidad como el concepto clave de este tipo de intervenciones, es preciso resaltar el término *desarrollo comunitario* como aquella acción coordinada y sistemática, que dando respuesta a las necesidades o demanda social, trata de organizar a la comunidad con la participación de los interesados (REZSOHAZY, 1988). Por tanto, nos encontramos ante una acción continua, dinámica y no improvisada cuyo objetivo es la mejora de las condiciones de vida de la población, partiendo de sus necesidades y sus esfuerzos.

Ahora bien, los esfuerzos por parte de la población, principal implicada en estos procesos, pueden resultar vanos si no contamos con el suficiente apoyo de otros agentes fundamentales. Entre ellos, cabe destacar la administración local, es decir, aquellos representantes elegidos por los ciudadanos que tienen como función principal velar por los intereses de su comunidad, los técnicos de diferentes ámbitos (sanitario, educativo, social, etc.) y los servicios y recursos que puedan ofrecer. Entendemos que los técnicos implicados en estos proyectos deben pertenecer a equipos multidisciplinarios para poder cubrir las diferentes necesidades de la población con la que trabajan. No obstante, la figura que nunca debería faltar es la del Educador o Pedagogo social, profesional encargado entre otras cosas

de vincular el trabajo social que se realice con una perspectiva educativa y pedagógica. Desde esta labor, debe velar por un trabajo sin imposiciones, no paternalista ni meramente asistencialista para no realizar el trabajo que puede hacer la propia población y no hacer a ésta dependiente. Es decir, es importante que no se dedique únicamente a “apagar fuegos” o resolver problemas, sino también a prevenirlos y dotar a los miembros de la comunidad de una serie de recursos y herramientas para que sean ellos mismos los que lideren sus acciones. De esta manera, estaremos empoderando a la población y dirigiéndola hacia su propia autogestión, a la vez que trabajando en los tres niveles de intervención propuestos por Marchioni (1989, p. 46-48): acción social para, en y con la comunidad.

Antes de avanzar más, es preciso dejar clara la diferencia existente entre los Proyectos de Intervención y los Proyectos de desarrollo comunitario. Los primeros, por regla general, van dirigidos a un colectivo muy concreto que no tienen por qué residir en una zona delimitada geográficamente y se basan en lo que los profesionales consideran prioritario. En cambio, los segundos se centran en un área geográfica única en la que residen personas con características muy diversas y de colectivos muy diferentes, y son precisamente éstas quienes deciden qué actuaciones llevar a cabo siendo ellas mismas el motor de cambio.

A continuación, realizaremos un repaso por aquellas teorías, corrientes y metodologías que se encuentran íntimamente relacionadas con el trabajo a favor de la comunidad. En este sentido, la primera referencia que no podemos obviar es la de la Educación Popular del gran pedagogo Paulo Freire.

- Educación Popular de Freire

Para Freire, la educación debe servir para comprender críticamente el mundo y para actuar para transformarlo. En ese proceso, la acción, la reflexión y el diálogo son piezas fundamentales. En contraposición con el concepto de *educación bancaria*, el conocimiento de la realidad no es un acto individual por el cual el educador “llena” de contenidos al educando, sino un proceso colectivo, apoyado en metodologías dialógicas y democráticas. En palabras de Freire (2005, p.80):

La razón de ser de la educación libertadora radica en su impulso inicial conciliador. La educación debe comenzar por la superación de la contradicción educador-educando. Debe fundarse en la conciliación de sus polos, de tal manera que ambos se hagan, simultáneamente, educadores y educandos

De esa manera, podríamos decir que el educador es quien guía al educando en su proceso de transformación, no el ser supremo “que todo lo sabe”. En esa misma línea de pensamiento, los procesos de desarrollo comunitario consisten en la puesta en marcha de actuaciones que mejoren la calidad de vida de la población, pero, ¿de quién parte la idea de realizar esas actuaciones?, ¿quién las debe poner en marcha?. La respuesta a ambas preguntas es la población. Huelga decir que los educadores tienen un papel esencial en la puesta en marcha de procesos de Desarrollo Comunitario, pero no es de ellos de quienes deben partir las actuaciones. En este tipo de procesos, la labor de educador está más relacionada con la promoción de la reflexión y con el empoderamiento de la ciudadanía que con el diseño y la puesta en práctica de proyectos alejados de la realidad de las personas.

- Investigación Acción Participativa

La Investigación Acción Participativa (en adelante, IAP), es una metodología de trabajo e investigación que trata de promover una mayor capacidad de respuesta a los problemas sociales, que en el fondo, es de lo que se trata cuando nos enrolamos en proyectos del tipo de los que estamos debatiendo en esta comunicación.

En la IAP, la población es la figura clave de cualquier transformación social y, por ello, el objeto de investigación no parte del “experto”, sino del interés de la propia población o colectivo con el que se trabaja, siendo ellos mismos (con la ayuda del educador/ investigador) los sujetos que investigan. De esta manera, los problemas no se investigan desde fuera, con lo que se evita la “descontextualización” que se da en otras muchas situaciones.

Nos encontramos de acuerdo con Bru Martín y Basagoiti (2013, s/p) cuando afirman:

Esta práctica autorreflexiva se instrumentaliza u operativiza en el ‘principio de dialogicidad’ de P. Freire, según el cual el investigador y la población establecen una relación de comunicación entre iguales, un diálogo horizontal entre educando y educado, investigador y población basado en la reciprocidad.

Siguiendo al Colectivo IOÉ (2003) podemos afirmar que la IAP tiene unas líneas básicas:

- Pasar de la relación sujeto/objeto (gestores/clientes) a la relación sujeto/ sujeto;

- Partir de las demandas o necesidades sentidas por los afectados, como condición necesaria para que sean ellos los principales protagonistas del proceso;
- Unir la reflexión y la acción, o la teoría y la praxis, evitando tanto el verbalismo (teorizar sin llevar a la práctica) como el activismo (actuar sin reflexionar sobre lo que se está haciendo);
- Comprender la realidad social como una totalidad, concreta y compleja a la vez. Esto supone abrirse a la interdisciplinariedad del conocimiento, aprovechando los aportes de los diversos enfoques;
- Plantear el proceso de IAP como una vía de movilización y emancipación de los grupos sociales en situación de dependencia;
- Metodología de Aprendizaje-Servicio

Tal y como ocurre con otros fenómenos sociales y educativos no existe una definición única sobre Aprendizaje Servicio (en adelante, APS). Revisando la literatura nacional e internacional sobre este concepto vemos que hay diversas maneras de entenderlo: como metodología, como pedagogía, como proyecto, etc. Una definición clara es la que aportan Puig *et al.* (2007, p. 20):

El aprendizaje servicio es una propuesta educativa que combina procesos de aprendizaje y de servicio a la comunidad en un único proyecto bien articulado en el que los participantes aprenden a la vez que trabajan en necesidades reales del entorno con la finalidad de mejorarlo.

Vemos, por tanto, que hay tres conceptos intrínsecamente relacionados que son: una necesidad real, la transferencia de aprendizaje y el aprendizaje nuevo que se va a adquirir y el servicio solidario a una comunidad. Analizando estos elementos podemos pensar que el APS es una metodología orientada a la educación para la ciudadanía, inspirada en las pedagogías activas (como la Educación Popular de Freire) y compatible con otras estrategias educativas (como la investigación-acción participativa).

En esta metodología se combinan las competencias básicas y los aprendizajes adquiridos a través del currículum escolar con el compromiso y responsabilidad social. Es decir, se pretende que los estudiantes aprendan a ser competentes siendo útiles a los demás. Este tipo de metodología no representa una novedad absoluta, sino un descubrimiento que nace de

la combinación de varios factores para crear lazos, construir proyectos colaborativos y ayudar ante una necesidad real de la sociedad.

Por ello, es interesante trabajarlo desde la transversalidad y desde un enfoque globalizador e integral, para de esta manera abarcar todas las facetas de la persona y entre las personas, cubriendo sus necesidades y las de los demás. Por ejemplo, alumnos del último curso de Educación Primaria prestan sus servicios y conocimientos a alumnos de los primeros cursos de esta etapa que presentan dificultades en el aprendizaje de las Matemáticas; alumnos de Secundaria que transfieren sus conocimientos y destrezas digitales en un centro cultural para favorecer la alfabetización digital de adultos; o alumnos de Magisterio, Educación Física, Trabajo Social, Enfermería, etc., que acuden a los hospitales para compartir con los niños enfermos proyectos de ocio, juegos, actividades, etc. o que participan en cualquier tipo de programa comunitario. En este sentido, durante este curso escolar, hemos sido partícipes de una experiencia altamente gratificante: un grupo de personas que trataban de mejorar su barrio vinieron a nuestras aulas universitarias a compartir con el alumnado su experiencia y nos mostraron no sólo aquellos logros que habían conseguido, sino también los proyectos que iban a realizar y los problemas que les estaban surgiendo; un tiempo más tarde, cuando los/as alumnos/as tuvieron que elaborar para clase un proyecto de Desarrollo Comunitario, algunos/as decidieron que querían realizarlo sobre el barrio y la población que había venido a visitarnos a clase, pues de esta manera, a la vez que se formaban y realizaban un trabajo que era parte de sus estudios universitarios, prestaban una ayuda a aquellos/as que un día les ayudaron a reflexionar y conocer nuevas realidades.

Estos proyectos son ligeramente diferentes a otras prácticas como voluntariados, trabajos de campo, etc., porque incluyen una combinación equilibrada de aprendizaje y servicio en sus proyectos, y porque en ellos la reflexión y la evaluación son elementos importantes.

Esta propuesta entiende el aprendizaje como un proceso que se basa en la exploración, la acción y la reflexión, como método para explicar la aplicabilidad de lo aprendido; y considera que la educación en valores debe partir de situaciones problemáticas para enfrentarse a ellas desde la experiencia directa (FERRAN ZUBILLAGA; GUINOT VICIANO, 2012, p.189). En este sentido, los/as alumnos/as universitarios que comentábamos unas líneas más arriba, pudieron explorar ambientes desconocidos, reflexionar sobre las necesidades de los mismos y plantear actuaciones que

dieran respuesta a los problemas que se encontraron, siendo tal su satisfacción que a pesar de haber terminado la asignatura que les impulsó a involucrarse en ese proyecto, muchos/as de ellos han manifestado el interés de continuar su colaboración para seguir ayudando a la vez que aprenden. De esta forma, entendemos que este tipo de proyectos son esenciales para lograr, no solo la mejora momentánea de las condiciones de vida, sino también para fomentar la sensibilización e implicación de las personas en los problemas que les afectan.

En nuestro país existe una gran variedad de escuelas abiertas a la comunidad, que organizan y llevan a cabo proyectos solidarios, de medio ambiente, de ayuda social... En estos casos la aportación que hace el APS es en relación al vínculo curricular, por ello los alumnos que están aprendiendo en las diferentes etapas educativas ponen su granito de arena en dichos proyectos con sus conocimientos académicos, competencias, destrezas, etc.

En el resto del mundo, también existe una gran diversidad de escuelas, proyectos, etc., en esta línea y hay que resaltar que incluso muchos países están promoviendo prácticas de APS en su propio sistema educativo. En algunos casos, además, estas prácticas se están introduciendo como obligatorias en la educación secundaria, ya que se ha comprobado que se obtienen resultados muy positivos en relación al éxito escolar y al compromiso social de los adolescentes, como ocurre con Holanda, Argentina, Estados Unidos, etc. Para ello, es imprescindible que estos proyectos y las personas que lo lleven a cabo cuenten con el apoyo de otras asociaciones, instituciones y entidades sociales porque de esta forma se tejen redes de colaboración, que puedan ser útiles en un futuro para a la hora de crear nuevos proyectos o mantener los existentes.

En definitiva y, tal como indica Francisco Amat y Moliner Miravet (2010, p. 75): “[...] el APS es una metodología que responde a muchos de los retos que se plantean en la sociedad actual [...]: la formación de ciudadanos críticos, activos y responsables con su entorno.”

Revisión de algunos proyectos sociocomunitarios españoles

Cuando hablamos de trabajo con, para y desde la comunidad, en algunos países se establece una clara diferenciación entre los proyectos de *organización de la comunidad* (cuando nos encontramos en situaciones caracterizadas por el crecimiento económico y pleno empleo, es decir, por una situación de bienestar social en la que únicamente es preciso lograr que la

población se movilice, se relacione y acceda a los recursos ya existentes) y los de *desarrollo comunitario* propiamente dichos (cuando trabajamos con zonas consideradas subdesarrolladas y es preciso fomentar el crecimiento económico). Hoy en día, en algunos países, como España, la intervención comunitaria incluye ambos planteamientos: se trabaja para lograr una mejor utilización de los recursos existentes, a la vez que invertimos esfuerzos en la mejora de la situación económica y en la creación de recursos.

Podemos afirmar que en España, al contrario que en otros países a lo largo y ancho del mundo, todavía no existe una gran tradición en lo que a la participación de los ciudadanos se refiere. No obstante, a pesar de que aún falta mucho camino por recorrer en la puesta en marcha de proyectos comunitarios, hoy en día podemos encontrar en España diferentes ejemplos en los que la participación ciudadana está consiguiendo grandes logros, muchos de ellos, puestos en marcha o asesorados gracias al experto en Desarrollo de la comunidad (MARCHIONI, 1989). Veamos algunos ejemplos que comparten como claves del éxito la perseverancia de la propia población y las buenas relaciones entre todos los implicados:

- Asociación para el desarrollo del Plan Comunitario de Carabanchel (Madrid): tiene como objeto social el barrio de Carabanchel Alto (Madrid) y la mejora de su realidad social, partiendo del trabajo de los vecinos y vecinas del barrio. Para lograrlo, trabaja en diferentes áreas: Área de empleo y asuntos sociales (objetivo: inclusión laboral y social de la población del barrio), Área de educación (objetivo: favorecer el desarrollo integral de los niños y niñas del barrio), Área de Nuevas Tecnologías (objetivo: facilitar el uso de las nuevas tecnologías, creando un recurso comunitario que potencie la integración, participación e implicación en la comunidad de todos los vecinos y vecinas del barrio) y Área de comunicación, participación y voluntariado (incluye actividades para la movilización de la población, como por ejemplo, el trabajo en huertos urbanos);
- Plan Comunitario del Distrito V de Coruña: Surgió por iniciativa de distintos Equipos de Atención Primaria en el ámbito de la salud para prevenir las drogodependencias y, con el paso del tiempo, ha ampliado sus intervenciones a otras temáticas de diferentes ámbitos para mejorar la calidad de vida de la población del Distrito: fracaso escolar, delincuencia, desempleo, ocio saludable;
- Proceso de desarrollo comunitario del Distrito de Tetuán (Madrid): Los/as vecinos/as del distrito junto a la propia Administración

y a diferentes asociaciones del barrio organizan diferentes asambleas en las que se toman decisiones sobre las necesidades del distrito. Algunas de las intervenciones que realizan en estos momentos son la elaboración de un boletín mensual, la realización de teatro comunitario (con ciudadanos de la zona que representan obras sobre la historia y la realidad social de la zona), el proyecto “La Arruga es Bella” (que trata de fomentar un acercamiento al mundo de los más mayores) o la actividad “MACEDUCA: Gymkhana participativa afrutada” (consistente en una gymkhana para toda la comunidad educativa que tiene como objetivo dar a conocer los diferentes recursos educativos del distrito y disfrutar después de una merienda a base de fruta);

- Proceso “El patio” (Gran Canaria y Lanzarote): es un proyecto que, aunque parte desde los/as jóvenes, también se desarrolla desde los niños, niñas, familias y personas adultas a nivel comunitario. Su carácter es preventivo y promocional y tiene como ámbitos fundamentales de actuación la calle y los centros educativos. Surgió para prevenir la violencia y cada vez amplía más sus horizontes de intervención, tanto que ya ha recibido varios premios a nivel local y estatal;
- Espacio Vecinal Montamarta (Barrio de San Blas, Madrid): La unión de los/as vecinos/as del barrio ha conseguido que se les permita “ocupar” un edificio municipal llevaba en proceso de abandono durante más de veinte años para hacer de éste un espacio que fomente la interculturalidad, la integración de las minorías, la prevención de conductas adictivas, el apoyo escolar y educativo, el envejecimiento activo, la creación de espacios alternativos de ocio y la formación ocupacional y el autoempleo.

Tal y como comentábamos, los anteriores ejemplos tienen como aspecto clave las buenas relaciones entre las personas involucradas, algo fundamental en este tipo de proyectos si lo que queremos es que estas personas trabajen codo con codo. Por ese motivo cuando iniciamos un proyecto de este tipo la primera fase debe promover el conocimiento de las personas y las buenas relaciones entre las mismas. De esta manera, podremos sortear los posibles obstáculos que puedan surgir a lo largo del proyecto, que fundamentalmente vienen derivados de la falta de presupuesto, de la no comunicación o de los malos entendidos entre los individuos.

Conclusiones

La participación ciudadana debería ser una realidad en todos los rincones del planeta. Sin embargo, todavía estamos lejos de conseguir que ésta sea universal y que los/as ciudadanos/as ejerzan ese derecho tan necesario. Esto se debe a que en muchas ocasiones cada persona vive su vida y desconoce la de los demás, haciendo esto imposible que se den cuenta de que tienen objetivos comunes. Por tanto, para que la participación ciudadana sea una realidad, es preciso invertir en lo que venimos insistiendo a lo largo de este escrito: el conocimiento de la población y la mejora de las relaciones entre todos/as ellos/as.

No obstante, a pesar de que todavía queda mucho camino por recorrer, últimamente están aumentando el número de iniciativas ciudadanas en este sentido. Quizá la crisis que vivimos a nivel económico suponga un impulso para este tipo de iniciativas, al ver los/as ciudadanos/as en ella una salida a sus problemas, que a la vez son los de su comunidad, pues muchas de las necesidades que ellos/as tienen también son compartidas por las personas que habitan cerca de ellos/as.

Del mismo modo, si desde las aulas de todos los niveles educativos fomentamos el trabajo conjunto con la ciudadanía en diferentes proyectos, estaremos “poniendo nuestro granito de arena” para que los/as ciudadanos/as del mañana se estén formando a nivel académico y personal y sean conscientes de otras realidades, posiblemente muy diferentes a las suyas.

Ese tipo de iniciativas no sólo son buenas de cara a mejorar la situación personal de cada uno/a en colaboración con sus vecinos/as, sino también para fortalecer los lazos existentes entre ellos/as, e incluso, en algunas ocasiones para crearlos. De esta manera, a su vez estamos invirtiendo en zonas más seguras, con población más feliz y mucho más unida.

En cuestiones de educación sabemos que lo importante no sólo es formar ciudadanos listos y con resultados académicos excelentes, sino seres humanos con una gran inteligencia emocional y competencias personales adecuadas para vivir en la sociedad de manera pacífica y solidaria.

“La Educación necesita tanto de formación técnica, científica y profesional como de sueños y utopías”

PAULO FREIRE

Recibido em: 14/09/2013

Aprovado em: 20/01/2014

Notas

1. Dpto. de Didáctica e Organización Escolar da Universidad Complutense de Madrid (Madrid, España) y del Dpto. de Pedagogía II do CES Dom Bosco. E-mail: igomez@cesdonbosco.com / inma.gomez@edu.ucm.es
2. Coordinadora del grado en educación primaria de la Universidad Rey Juan Carlos de Madrid. E-mail: marta.gomez@urjc.es

Referências

BRU MARTÍN, Paloma; BASAGOITI, Manuel. **La investigación-acción participativa como metodología de mediación e integración socio-comunitaria**. Disponible en: <http://www.pacap.net/es/publicaciones/pdf/comunidad/6/documentos_investigacion.pdf>. Acceso en: 14 jun. 2013.

COLECTIVO IOÉ. **Investigación acción participativa**: propuesta para un ejercicio activo de la ciudadanía. Córdoba: Conferencia del Encuentro de la Consejería de Juventud, 2003

FERRAN ZUBILLAGA, Anne; GUINOT VICIANO, Cinta. Aprendizaje-servicio: propuesta metodológica para trabajar competencias. **Portularia**, v. XII, n. Extra, p. 187-195, 2012. Disponible en:

<http://rabida.uhu.es/dspace/bitstream/handle/10272/5968/Aprendizaje_servicio.pdf?sequence=2>. Acceso en: 15 jun. 2013.

FRANCISCO AMAT, Andrea; MOLINER MIRAVET, Lidón. El aprendizaje servicio en la universidad: una estrategia en la formación de ciudadanía crítica. **Revista electrónica interuniversitaria de formación del profesorado (REIFOP)**, v. 13, n. 4, p. 69-78, 2010. Disponible en: <http://aufop.com/aufop/uploaded_files/articulos/1291992629.pdf>. Acceso en: 15 jun. 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogía del oprimido**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.

MARCHIONI, Marco. **Comunidad, participación y desarrollo**: teoría y metodología de la intervención comunitaria. Madrid: Ed. Popular, 1999.

PUIG, Joseph et al. **Aprendizaje servicio**. Educar para la ciudadanía. Barcelona: Editorial Octaedro, 2007.

REZSOHAZY, Rudolf. **El desarrollo comunitario**: participar, programar, innovar. Madrid: Narcea, 1988